



*«(...) aquilo que os gregos chamam alétheia,
a desocultação, o descobrimento.
Aquele olhar que às vezes está pintado
à proa dos barcos.»*

Sophia de Mello Breyner Andresen

ALBERTO GONÇALVES

**O ESTADO
A QUE ISTO
CHEGOU**

10 ANOS QUE NÃO MUDARAM O PAÍS

INTRODUÇÃO

Este livro contém uma selecção, a cargo de Zita Seabra e da Alêtheia, das crónicas que escrevi nos últimos dez anos, na Sábado, no Diário de Notícias e, desde 2017, exclusivamente no Observador.

Nesse período, o país pareceu mudar imenso. Houve José Sócrates, a “troika”, Pedro Passos Coelho, a “geringonça” do dr. Costa, das raríssimas ocasiões em que uma frente de esquerda e extrema-esquerda tomou conta de um país ocidental. E houve, ainda, uma espécie de estadista colhido nas variedades televisivas e chamado Marcelo Rebelo de Sousa, entretido a forçar os limites das instituições, da popularidade e do embaraço alheio.

No essencial, porém, o país não mudou nada. O Portugal de 2009 é parecidíssimo com o de 2019. Em ambas as datas, as escasas vozes que anunciam a bancarrota iminente são remetidas para os arquivos do ressentimento, a bancarrota iminente é saudada pela generalidade dos “media” enquanto um renascimento imparável, e o “povo”, bem, o “povo” celebra dádivas inconsequentes enquanto se afunda em dívidas fatais. A profunda infantilidade dos portugueses, voluntariamente rendidos ao exacto Estado que os impede de ser mais do que isto, explica, década após década, que isto, e só isto, é o que os portugueses querem ser. Até ao dia em que nem isto serão.

Na vasta maioria, os artigos aqui presentes padecem daquilo que o vulgo, por manha ou tique nervoso, designa por “pessimismo”. Na verdade, trata-se de um exercício simples: tentar perceber o que correu mal e constatar que, da próxima, correrá pior. Espero, pois, estar enganado, na certeza de que não estou. Visto sem os pechisbeques da propaganda, Portugal não engana.

Alberto Gonçalves

2010



ANATOMIA DE UMA CRÓNICA

A SÁBADO faz 6 anos, eu faço 6 anos na SÁBADO. Dito assim, parece pouco. Dito assado, parece muito: 313 edições, 304 crónicas (gozei 9 semanas de férias). Dada a competência das pessoas que produzem a revista e a minha preguiça, o primeiro número impressiona menos que o segundo. Trezentas e três crónicas. Como consegui? Não me perguntem. Não imaginam a quantidade de leitores que me escreveram a perguntar sobre o modus operandi de cada artigo: exactamente três (média de meio leitor/ano). Embora raramente por escrito, eu próprio me pergunto o mesmo todos os dias. Ou todos os dias que são SÁBADO, para mim dois por semana. É altura de lhes responder a eles e, já agora, a mim.

O TEMPO. O prazo para a entrega da crónica termina às sete da tarde de terça-feira. Confrontado com tal tarefa, um jornalista da velha guarda sentar-se-ia ao computador às cinco e, depois de despachar 5300 caracteres, entregaria os linguados (jargão do ramo) às seis e quarenta, a horas para um aperitivo. Eu não sou velho e bebo pouquíssimo: começo o trabalho na segunda-feira de manhã e acabo-o quando me telefonam da redacção trinta minutos após o limite, com alusões aflitas a uma misteriosa gráfica que teima em cumprir horários e desprezar as oscilações criativas.

O ESPAÇO. Um mito relacionado com a escrita, e provavelmente difundido pelos que jamais assinaram uma linha, é a angústia da página (ou do ecrã) em branco. Não conheço. Branca, somente a banheira onde me enfito durante longos e reflexivos períodos. De Marat a Vinícius de Moraes, passando por Jerzy Kosinski e Jim Morrison, a pequena História está repleta de sujeitos que perderam a vida na banheira. Eu uso-a para ganhar a vida. Entro na água quente com a cabeça vazia e saio com o bloco de notas ou o iPhone cheios de ideias brilhantes, cujo brilho infelizmente se atenua ao percorrer (já vestido) a distância que me separa do computador.

O TEMA. O tema é importante numa crónica. Não é fundamental, se nos for indiferente que, conforme sucede com certos romances contemporâneos, o leitor chegue ao fim a questionar-se: “O tipo estava a falar do quê?” No meu caso, actuo por exclusão de partes e prefiro fugir de temas a persegui-los. Em primeiro lugar, tento evitar referências ao eng. Sócrates, assunto que em 2010 representa para o colunista o que “As Time Goes By” representa para o pianista de bar: uma recorrência insuportável. O primeiro-ministro apenas

surge por aqui nas semanas em que se envolve numa trapalhada incontornável ou em que profere uma enormidade idem. Em quase todas, portanto. Também evito mencionar em demasia a rapaziada das “causas” e a rapaziada do Islão (porque me interessam) e evito mencionar em absoluto a instabilidade no Suriname e respectiva influência na geopolítica da região (porque não me interessam – a propósito: há instabilidade no Suriname?). Em suma, o objectivo é a variedade, as inclinações são pessoais, o resultado é o que se arranja.

AS FONTES. As fontes tradicionais são para as restantes formas de jornalismo. A melhor fonte da opinião são as restantes formas de jornalismo, devidamente medidas e ponderadas. E as restantes opiniões, desde que submetidas a tratamento idêntico. Recorrer aos intervenientes directos compromete a liberdade. Recorrer a taxistas compromete o equilíbrio. Recorrer a amigos é uma hipótese. Uma hipótese teórica: conto com um punhado de compinchas que me sugerem regularmente o que julgam ser matéria de crónica; que me lembre, não aproveitei uma única sugestão.

A TESE. Outro mito que corre nesta profissão é o das crónicas que surgem já prontas. Nunca me surgiu nenhuma, pelo que me vejo forçado a elaborá-las com suor (metafórico) e esforço (real). Bem sei que há exemplos de roubo do suor e esforço alheios: é a estratégia corta (de publicações estrangeiras) e cola (na nossa), a qual, se a praticasse e fosse descoberta, me levaria num ápice da SÁBADO às páginas do popular semanário “O Crime”, quer enquanto notícia quer enquanto novo colunista da casa (“O Crime” não é esquisito).

O TOM. Aqui, o essencial é moderar a indignação: ao contrário do que pretendem alguns colegas de ofício, nada deve ser “intolerável” ou “inadmissível”, ainda que uma data de coisas o sejam. Escrever com o dedinho em riste é, além de cansativo para quem lê, má educação de quem escreve. A alternativa é fingir achar graça àquilo que de absurdo acontece no país e no mundo. O segredo é que a graça que se finge achar revela-se frequentemente genuína.

O ESTILO. Acerca de tão delicado ponto, o pudor manda dizer que não tenho palavras. Mas tenho: as palavras que nem sob ameaça de “bullying” alguma vez constarão desta coluna – a não ser hoje. Pró-activo. Empenhamento. Empoderamento. Valências. Afectos. Etc. (etc. não conta). Sem o entulho do linguajar contemporâneo, qualquer estilo, ou ausência dele, é no mínimo desculpável.

A PERSPECTIVA. Goste-se ou não, é a minha. Não ignoro que determinada escola reclama a remoção do “eu” das crónicas.

O problema é que, excepto nos colunistas de invulgar erudição, o exercício implica igualmente a remoção dos leitores, aterrados face a tamanho deserto. Sem um “eu”, é difícil haver opinião. Com um “eu” excessivo e ruidoso, porém, a opinião assemelha-se ao chato que só toleramos em ocasiões especiais. Espero que os 6 anos da SÁBADO caibam nessa definição.

29/04/2010

PORTUGAL DE PÉ

No trémulo início da sua experiência americana, Salvador Dali dava gorjetas tanto maiores quanto menores andavam as suas poupanças. Com Portugal acontece um processo similar: quanto mais isto se afunda, mais frequente é uma peculiar retórica voltada para o optimismo, segundo a qual “temos de acreditar nas nossas potencialidades” e “os portugueses não devem nada a ninguém”.

10 A retórica possui origem institucional e derrama-se por aí, nos “media”, na Internet, nos cafés. O argumento subjacente é o de que o país está de rastos apenas porque certos desiludidos profissionais teimam em dizê-lo. O “bota-abaxismo”, na belíssima expressão do primeiro-ministro, é uma espécie de “risco sistémico” aplicado à moral pública: basta alguém sugerir que não vamos longe para o desânimo se propagar e não irmos, de facto, a lado nenhum. Se, pelo contrário, insistirmos que somos óptimos, convencemo-nos de que o somos e, não tarda, realizaremos proezas magníficas. Note-se que as condições arcaicas do sucesso, como o risco ou o trabalho, não entram na equação. Essencial, neste manual de auto-ajuda colectiva, é o pensamento positivo ou, se quisermos o termo em voga, a “confiança”.

A “confiança”, na sua forma pura, fervilha nas intervenções do eng. Sócrates, nos artigos do dr. Mário Soares, na maioria dos “Prós e Contras” e, por falar na RTP e por exemplo, num programa chamado “Nobre Povo”, que, reza o “site” do canal, pretende mostrar “o Portugal que não fica sentado, que inova, defende as tradições e persegue sonhos”. Já lá brilharam inovadores da estirpe de um João Claro, o canalizador-cantor, e da famosa “activista cultural” Eduarda Dionísio. Na emissão da semana passada, o tema era a ciência espacial e eu esperei por um desfile de compatriotas astrofísicos, investigadores, engenheiros da Nasa. Em vão: os convidados do “Nobre Povo” resumiam-se a professores (?) e outros respeitáveis indivíduos unidos pela firme convicção de que há vida

extra-terrestre. Um deles, que jura haver uma sociedade subaquática de “aliens” ao largo do Cabo da Roca, ensinou a lidar com os seus húmidos habitantes, caso necessário: “Tenham calma, não se aproximem, não lhes lancem pedras, não os tentem alvejar.” Para um “bota-abaxista”, o Portugal que não fica sentado faria melhor em ficar, de preferência com o contributo de uma camisa-de-forças.

Os optimistas, porém, não se deixam abater e continuam a exigir que os portugueses se “afirmem”. A exigência funciona por repetição (tipo “mantra”) e invoca simultaneamente dois tempos míticos: o passado, sempre “glorioso” e repleto de caravelas, e o futuro, povoado por imensos e talentosos “jovens”, dos que perseguem sonhos. Nem de propósito, um desses jovens espalhou recentemente pela Terra o lusitano fulgor, ao vencer em Nova Iorque o campeonato mundial de SMS. Após escrever 264 caracteres em um minuto e 59 segundos, Pedro Matias, 27 anos, presuntivo fruto das Novas Oportunidades, confessou: “Esta é a minha vocação”. Infelizmente, não faltarão descrentes a desvalorizá-la. Mesmo o Governo não emitiu sequer uma nota de congratulação pelo êxito desta esperança nacional.

De resto, todo o papel do Governo é dúbio, visto que enquanto estimula os cidadãos pela palavra, defende pelos actos o carácter redentor do Estado. Atirar dinheiros, reais ou hipotéticos, aos problemas do país não é sinal de grande confiança nas “potencialidades” pátrias nem será o modo adequado de provar que, em matéria de criatividade ou lá o que é, os portugueses não devem nada a ninguém – além de que, pelo caminho do défice, cada português acabará a dever uma fortuna.

Se calhar, o discurso em voga é só uma maneira rebuscada de depreciar as críticas ao PS e aos senhores que nos governam, técnica de propaganda habitual em tempos de desnorte. Se calhar, o optimismo é uma fraude. Se calhar, os optimistas não existem. Mas se, ainda assim, um dia avistarem algum que pareça autêntico, tenham calma, não se aproximem, não lhe lancem pedras e sobretudo não o tentem alvejar.

21/01/2010

TIROS AO LADO

Ao inventariar as razões que justificam a sua candidatura a Belém, Manuel Alegre garante que só ele possui o “poder de inspiração” e a “capacidade de invenção” capazes de conceder aos por-

tugueses em geral o “direito à beleza” e aos jovens em particular o “direito de dançar a vida”.

De regresso ao planeta, os amigos de Alegre avançam com características mais prosaicas. Miguel Sousa Tavares, companheiro de caçadas, inveja-lhe a pontaria: “Tomara eu atirar como ele”, disse em depoimento ao “Diário de Notícias”. Não sei se isto é um apelo eleitoral ou um elogio indefinido. Como apelo, é estranho: por acaso, conheço um talhante exímio no manuseamento do cutelo e não penso que semelhante talento o privilegie na sucessão de Cavaco Silva. Como mero elogio, é estranhíssimo quereremos exaltar um indivíduo e a primeira virtude que nos ocorre seja a respectiva inclinação para abater passarinhos.

12 Sobre este tema obrigo-me a uma declaração de interesses: visto que (1) o meu pai e algumas pessoas que estimo foram ou são caçadores e que (2) os oposicionistas activos da modalidade (os quais integram boa parte dos apoiantes formais de Alegre) me parecem assaz desagradáveis, é evidente que acho a caça dita desportiva uma prática idiota. Lamento, mas as bravatas, à Hemingway, do “homem contra a besta” não me convencem quando o homem carrega um fuzil e a besta é um herbívoro qualquer. Enquanto homem, aliás, Hemingway, que Alegre venera até ao risível, é que era uma besta (enquanto escritor o assunto é outro, e a veneração não produziu resultados legíveis).

Não digo que a habilidade cinegética impeça um sujeito de ser um bom chefe de Estado. Digo que não ajuda, e que, se os amigos procurarem bem, Alegre talvez abrigue qualidades reais que o recomendam de facto para a presidência. Convém é os amigos procurarem muito: apesar do poder de inspiração e capacidade de invenção, as declarações de Alegre sugerem que ele próprio ainda não encontrou qualidade nenhuma. E não, pôr os jovens a dançar a vida não conta.

28/01/2010

ME ENGANA QUE EU GOSTO

Uma coisa é o dr. Teixeira dos Santos andar um ano e tal a prometer um défice para 2009 que, na primeira versão, era de 2,2%, na segunda de 3,9%, na terceira de 5,8%, etc. Outra coisa é o dr. Teixeira dos Santos ter sido “surpreendido” (sic) com os 9,3% finais (e optimistas). Uma coisa é o dr. Teixeira dos Santos andar um ano e tal a garantir que o TGV não seria “reequacionado” porque “não pesa praticamente nada” no Orçamento e na dívida pública. Outra coisa

é o dr. Teixeira dos Santos, confrontado com a penúria do país e um estudo que insinua o desastre económico do TGV, admitir enfim que conviria “adequá-lo” à realidade orçamental. Uma coisa é o dr. Teixeira dos Santos enganar-se, como o próprio reconhece. Outra coisa é enganar deliberadamente, como o próprio nega.

Mesmo assim, um cínico perguntaria se enganos tão recorrentes e prolongados recomendam um indivíduo para a gestão das contas públicas. A resposta é “nem por isso”, mas aprendi a moderar o grau de exigência: esforço-me por acreditar nas boas intenções e já me satisfaço com elas. A julgar pelo que aí vai, sempre prefiro os governantes que falham sem querer do que os que o fazem de propósito.

Um exemplo da última espécie é Pedro Silva Pereira, essa adivinhação embrulhada num mistério enfiado num enigma. A paráfrase remonta a Churchill, por acaso um dos políticos que dantes os políticos tentavam imitar. Hoje, modéstia dos tempos, o padrão é Obama, embora o dr. Silva Pereira nem Obama imite. Para ele, a referência cimeira e exclusiva é o eng. Sócrates. Eu acho semelhante veneração tão estranha, e fascinante, quanto um aspirante a tenor que apenas se inspire nos dotes de Jorge Palma. O dr. Silva Pereira não só copia o chefe no vestuário, no penteado, na postura e no tom de voz: copia-lhe o carácter.

Na segunda-feira, mal o eng. Sócrates desautorizou o dr. Teixeira dos Santos acerca do défice, cujo aumento, diz o PM, foi ponderado e devido à generosidade “social” do Governo e não a qualquer desvario, o dr. Silva Pereira correu a enxovalhar o ministro das Finanças acerca do TGV, que afinal nenhum estudo ou realidade, incluindo a orçamental, poderá parar. “O Governo”, jurou a réplica do chefe, “não distingue entre boas e más linhas.” Em seguida, explicou que no curto prazo “os investimentos implicam endividamento”, e que no longo prazo “haverá um retorno para a economia”. Em português de gente, isto significa que agora se lançam os foguetes e um dia alguém pagará a festa.

Sucedem que o chefe e respectivas réplicas não falam português de gente: falam a língua peculiar da propaganda, que transforma cada rematada asneira numa confirmação da íntima clarividência. Não sei se estes portentos se enganam, sei que procuram enganar os demais, do eleitorado ao dr. Teixeira dos Santos. E o eleitorado, que apesar de uns resmungos legitima o Governo, e o dr. Teixeira dos Santos, que apesar de uns ameaços se mantém nele, parecem gostar. Essa é que é a verdade, aliás a única em toda a história.

RUMO AO PALEOLÍTICO

Por castigo ou bênção divina, convivo pouco ou nada com crianças. Em tempos, porém, trabalhei nas imediações de um liceu (peço desculpa, não sei o equivalente actual de “liceu”), o que me forneceu certo conhecimento do estado das coisas. Duas dúzias de meninos e meninas, tecnicamente a meio da adolescência, passavam os intervalos, que me pareciam assaz longos, junto às janelas do meu escritório. Não jogavam à bola, não andavam à pancada, não namoravam: apenas seguravam os telemóveis e enviavam SMS como se concorressem ao “Guinness Book” (um português chegou lá). Esses eram os momentos de sossego. Os outros momentos eram aqueles em que as crianças conversavam. Quer dizer, “conversa” é uma palavra inadequada para definir os grunhidos que trocavam aos berros e numa língua residualmente evocativa do português. Supus tratar-se de cábulas e casos irrecuperáveis, comecei a fechar as janelas e não voltei a pensar no assunto.

14

Até há dias, quando um estudo da Universidade de Coventry me informou de que os alunos versados em SMS lêem e falam melhor que os restantes. Assim de repente, apetece indagar se os restantes já pertencem à espécie ou ainda integram uma qualquer variedade de chimpanzés. Mas é escusado. Provavelmente, são crianças comuns com um domínio outrora considerado comum da língua nativa, ou seja, o suficiente para que os seus professores (e os investigadores de Coventry) não as entendam. Provavelmente, os gatafunhos telefónicos e os grunhidos não constituem uma ameaça ao ensino “moderno”, mas o seu desenvolvimento lógico. Provavelmente, e com a jovialidade que ergueu as letras do “hip-hop” a poesia e os grafitos a arte, a indigência mental em voga propagou-se no sistema dito educativo a ponto de transformar o puro analfabetismo em “valência” a “adquirir”. Provavelmente, o recordista de telemóveis por cabeça que é Portugal não estará atrás da Inglaterra em mais este passo rumo ao futuro. Provavelmente, o futuro será igualzinho ao passado, excepto pelas cavernas e o nomadismo. Ou nem isso.

4/02/2010

UM EVENTUAL DRAMA HUMANITÁRIO

Não sendo pródigo em restrições éticas, tomem lá duas: não assino petições e não vou a protestos públicos (dos privados sou assíduo). Por um lado, assusta-me a forma “colectivista” de tais fe-

nómenos. Por outro, assusta-me o conteúdo, quase sempre dedicado a condenar países de que gosto (EUA, Israel) ou a louvar palermices de que não gosto (corporativismos, exotismos, terrorismos).

Há dias, porém, surgiu na internet uma petição cujo “colectivo” integra diversos promotores que respeito (e dois ou três de quem sou amigo), e cujo conteúdo critica os esforços do eng. Sócrates para condicionar a liberdade de expressão. Mesmo assim, não cedi. Não subscrevi o manifesto e não participei na manifestação subsequente, a realizar hoje, quinta-feira, à porta de S. Bento.

Questão de coerência? Nem tanto, que sou um bocado marxista da escola Groucho: eis os meus princípios – se não quiserem, arranjo outros. Apenas não tenho certeza de que o plano de controlo da imprensa relatado no “Sol” e no “Correio da Manhã” possa ser atribuído ao primeiro-ministro. António Vitorino já sugeriu que o pormenor de, nos telefonemas escutados, os operacionais afirmarem agir a mando de José Sócrates não prova que este fosse o mandante. Fora das “escutas”, um dos operacionais, um tal Penedos, também acabou por confessar não ter recebido instruções do Governo.

E se for verdade? E se as tentativas de silenciar os “media” em benefício do eng. Sócrates, ao que parece indesmentíveis, não tiverem o aval do próprio? Eu sei que, nesse caso, uma pessoa normal ficaria furiosa e pediria a detenção imediata da quadrilha que usa o seu bom nome (e as empresas do Estado) para praticar traulhices em rédea solta. Ao optar pela reacção inversa, isto é, o ataque à divulgação noticiosa das traulhices, o eng. Sócrates indicia uma de duas coisas: 1) é culpado; 2) não é, ou não está, normal.

A confirmar-se a primeira hipótese, e só depois disso, acho óptimo que se marche rumo à AR com slogans e nojo à censura. A confirmar-se a segunda, julgo que nos devíamos juntar em S. Bento, mas munidos de compaixão, flores e uma palavra amiga, tudo para ajudar o eng. Sócrates a terminar o seu mandato com dignidade ou, de preferência, a interrompê-lo com brevidade.

4/02/2010

NEGÓCIOS À PARTE

Sempre que critico o eng. Sócrates, alguns leitores dirigem-se-me com cordialidade para me chamar bandalho e acusar-me de estar, cito, “a receber por fora”. Estas coisas magoam. Sobretudo porque de “fora”, ou seja, à margem das publicações em que escrevo, não me chega um cêntimo. Deveria chegar?

Aparentemente, sim. Embora não o identifiquem com nitidez, os leitores em causa sugerem a existência de um misterioso “fundo” destinado a subsidiar opiniões avessas ao primeiro-ministro, talvez na presunção de que os reparos a uma personalidade assim extraordinária só podem ser motivados por suborno. No meu caso, insisto em que não são. Mas não me importava que fossem. Já que genuinamente não aprecio aquilo que o eng. Sócrates representa, seria simpático juntar o útil ao agradável e, no processo, beneficiar de um lucro adicional, a título de complemento solidário.

Restam dois problemas. O primeiro é a honra, que não vendo por quaisquer trocos: vendo por trocos avultados e que vão desde o depósito considerável num paraíso fiscal à escolha até ao fatal SUV da Lexus (com 18 colunas de som, sff). A segunda maçada a dificultar-me a corrupção é o carácter esquivo dos corruptores. Durante uma década de “colunismo”, nunca reparei em nenhum. Nunca atendi telefonemas com propostas indecentes, nunca me enviaram chaves de cofres particulares no Barclays e nunca marquei encontro com um desconhecido de gabardina num parque de estacionamento, que me ofereceria a reforma dourada em Barbados em troca de cinco parágrafos demolidores para com o eng. Sócrates. Sinceramente, nunca sequer mereci uma reles esferográfica do PSD, acompanhada de um cartãozinho de agradecimentos da dra. Ferreira Leite.

16

Das duas uma, ou o meu valor no mercado do aliciamento anti-socrático é nulo ou tal aliciamento é imaginário. Certo é que ambas as possibilidades desiludem. Principalmente quando se constata que no lado oposto, leia-se entre os entusiastas do Chefe Maior (sic), abundam verbas palpáveis para se ganhar palpavelmente. Não falo apenas do rapaz da JS cuja dedicação lhe valeu um lugar na administração da PT e um salário anual acima do milhão de euros. Ou do futebolista que, segundo noticiou o “Correio da Manhã”, cobrou 750 mil à PT por partilhar o pequeno-almoço com o eng. Sócrates. Ou ainda, para baixarmos um bocadinho o grau de exigência, da actriz que terá apoiado o PS por um emprego de deputada e o patrocínio da PT para organizar um festival de cinema português.

Também falo das multidões furiosas, que varrem as caixas de comentários da internet a jurar que jamais houve um governante tão atacado quanto o pobre eng. Sócrates. As multidões lá sabem. Eu acho que jamais houve governante tão defendido. Por tradição,

o bom povo tende a desconfiar de quem manda, mesmo se quem manda não exhibe um currículo farto em trapalhadas, falhanços e mentiras. Com o eng. Sócrates sucede o inverso: há por aí gente disposta a ignorar as respectivas proezas e, mediante chicote de nove tiras, a autoflagelar-se na rua a fim de provar a sua lealdade ao Executivo. No mínimo, há gente disposta a reunir-se na Fonte Luminosa de modo a “repudiar esta campanha contra o PS e Sócrates”, conforme reza o SMS que convoca a manifestação do próximo dia 20.

Estranho. As democracias não são pródigas em manifestações “espontâneas” de apoio aos governos. A menos, claro, que os manifestantes beneficiem de um incentivo, o qual eventualmente irá de caixas de robalos a, dada a omnipresença da PT, tarifários privilegiados. A minha integridade moral faz-me sentir pena dos tontos que se conspurcam por migalhas. Por sorte, a cobiça faz-me sentir inveja dos espertalhões que se conspurcam por fortunas. Declaro-me, pois, aberto a negociar um meio-termo ético e financeiro e a transferir-me para as fileiras do eng. Sócrates.

Se é verdade que as colunas na imprensa me conferem uma visibilidade superior à dos anónimos da internet, é igualmente verdade que não sou uma actriz com residência fixa em Paris, um brilhante estratega das “jotas” ou um ex-jogador famoso, pelo que aceito um cargo numa empresa pública ou “privada” por meros 500 mil euros/ano e levo uns singelos 50 mil por refeição com o eng. Sócrates (60 mil, vá lá, se for jantar). Dispensio, porém, as outras regalias: com o emprego de deputado perderia dinheiro e com o cinema nacional perderia a dignidade, isso no pressuposto teórico de que me restará alguma. Tudo esclarecido, onde é que assino?

18/02/2010

A LEI DA SELVA

É espantoso o corrente espanto por causa do “bullying”. Houve um tempo, não muito remoto, em que a escola servia propósitos de disciplina e instrução. Nos intervalos, as crianças trocavam soppapos e, desde que as consequências não excedessem o ocasional sobrolho aberto, nem os pais nem os professores lhes atribuíam importância. Importante era que os fedelhos exibissem maneiras junto dos crescidos e assimilassem uns rudimentos de português e aritmética no processo.

Um belo dia, os sábios da educação decidiram que a disciplina e a instrução eram conceitos castradores, ultrapassados e, vá

lá, socialmente fascistas. Daí em diante, a escola dedicar-se-ia a assegurar que os meninos e meninas fossem eles próprios e não, como pelos vistos acontecia antes, outros quaisquer. Nascia o ensino “centrado” nas crianças, no qual a autoridade sumiu e o professor passava a também aprender com os alunos. O pormenor de ninguém ter nada para ensinar não demoveu os sábios, entretidos a elaborar programas repletos de “competências”, “valências” e demências afins, no fundo a conversa fiada que escondia ou legitimava mediante fraude uma prosaica realidade: a morte da escola enquanto tal.

Hoje, o substantivo define um edifício onde se armazenam petizes e se garante que a má-criação e o analfabetismo adquiridos em casa não sofrem perturbações. Se calhar, não vale a pena discutir se a escola imitou a família ou vice-versa. Vale perceber que ambas ergueram as crianças ao topo de uma sociedade bárbara, em que os incontáveis medos irracionais não incluem o medo da boçalidade e da ignorância. A singela preocupação que as veneradas criaturinhas suscitam é a segurança. É segurança o que os pais exigem que a escola forneça, e não os padrões comportamentais ou intelectuais que eles mesmos desprezam. E é segurança que a escola se esforça por fornecer, inevitavelmente com duvidoso sucesso. O “bullying” ou, em língua de gente, a agressão, é uma expressão natural dos pequenos (e dos grandes) selvagens e, num meio em que tudo concorre para os manter assim, a expressão única. O que é que esperavam?

18

17/03/2010

O IMPACIENTE PORTUGUÊS

É frequente a imprensa mencionar a quantidade de portugueses que padecem de doenças comuns (diabetes, angina de peito, hipotiróidismo, etc.). Na semana anterior, a SÁBADO mostrou alguns portugueses com doenças bizarras. Do que não se fala é dos portugueses que sofrem das doenças todas, ou que se convencem disso ao se aperceberem da respectiva existência.

Parafraseando os membros dos Alcoólicos Anónimos, chamo-me Alberto e sou hipocondríaco. A maçada desta condição começa logo na circunstância de, ao contrário dos AA, os hipocondríacos indígenas não beneficiarem de grupos terapêuticos onde possam discutir as maleitas que de facto não possuem. Assim, os desabafos são largados em cima de quem nos está próximo. Ou es-

tava: aos poucos, os conhecidos tendem a afastar-se, ao pressentir que lá vem novo queixume acerca de um estalido no tornozelo (era no sapato) ou de um peso na cabeça (era um chapéu). Às vezes, se o cansaço é muito, o afastamento é radical. Tenho uma amiga que, para minha felicidade, é médica. Para infelicidade dela, morava a cinco minutos aqui de casa, o que me facilitava as visitas repetidas e a desoras com padecimentos fresquinhos. Há meses, partiu, sem data de regresso, para exercer em Inglaterra. Ou foi o que ela disse.

Evidentemente, a amiga mais fiel do hipocondríaco é a Internet. Antes das restantes alternativas, ou na falta delas, é à Internet que recorremos para decifrar os sintomas aquando do primeiro eventual incómodo no apêndice, da primeira possível tontura, do primeiro plausível formigueiro no lóbulo da orelha direita, por exemplo.

Convém esclarecer os legos que, na Internet, qualquer sintoma, real ou imaginário, desagua num único diagnóstico: cancro. Nós, os experientes, reagimos à sentença com frieza. Por mim, fico quinze a dezoito minutos petrificado a olhar o ecrã e a ver a vida inteira desfilarm-me à frente, mas não no ecrã. Em seguida, tento levantar-me e as pernas não obedecem, o que me dá pretexto para outros quinze minutos a tremer e a elaborar mentalmente o meu testamento. Após este agradável período de descontração, o objectivo imediato é encurralar uma criatura que ainda não conseguiu fugir e partilhar a informação (“Sabes aquela sensaçõzita no pescoço? Na Internet dizem que deve ser de origem cancerígena...”). Por regra, a resposta roça o desdém (“És maluco. Isso não é nada.”). Contra-ataco com a Ciência (“Nada? Não é o que garantem os vinte e seis melhores sites de saúde.”). Dado que normalmente não se obtém a empatia do interlocutor, o truque é levá-lo à desistência por exaustão (“Vai ao médico, à bruxa ou ao que te apetecer, desde que não me massacres a paciência com disparates!”).

Ouvir alguém ceder e mandar-me ao médico é uma amarga vitória. Mesmo arrancado sob coacção psicológica, o conselho legitima uma preocupação que eu não queria legitimada e que, paradoxalmente, sei que não desaparecerá sozinha. Então, apavorado, vou ao médico, que a ausência da minha ex-vizinha e, decerto, ex-amiga, me obriga a escolher no mercado. Porém, como eu em véspera de consulta, o capitalismo não dorme e, graças a milagre ou informação privilegiada, ergueu um hospital privado a cem metros do meu humilde lar. Escusado acrescentar que já sou freguês, do tipo de freguês que entra moribundo e, passados quinze minutos e uma decompostura do clínico de serviço, sai imaculado. Por uns dias.

Embora a hipocondria seja uma doença (li na Internet), ao fim de um ano ou dois habituamo-nos às suas exigências. Difícil é habituar-me aos trinta e tal anos em que não fui hipocondríaco: não faço ideia do que me permitiu sobreviver a tantas doenças que não tive e a que não ligava nenhuma.

25/03/2010

DOS TRANSGÉNICOS AOS TRANSGÉNERO

Há azares assim. Após os e-mails desviados a luminárias do ramo e a revelação de outros pequenos e desagradáveis escândalos, a reputação científica do “aquecimento global” terminou 2009 um bocadinho abalada. Não foi só a Cimeira de Copenhaga, destinada a condenar definitivamente o homem pelas alterações climáticas, que resultou em fracasso e numa pequena vergonha. Na agenda noticiosa e, sobretudo, na cabeça das pessoas, o assunto perdeu a aura institucional e “incontestável” que o rodeava. Aos poucos, o assunto viu-se removido das conversas que se queriam sérias e, à semelhança da boa teoria conspirativa que no fundo nunca deixou de ser, começou a cair na retórica das “franjas”.

20

Porém, nem o céptico mais empedernido esperava que caísse tanto e tão rapidamente. Ou seja, que caísse na Bolívia, onde por estes dias se realizou a Conferência Mundial dos Povos sobre as Mudanças Climáticas e os Direitos da Mãe Terra. Se a designação do evento já esclarece muito, esclarece ainda mais saber que a cidade anfitriã do evento, Tiquipaya, recebeu “representantes de comunidades indígenas”, “movimentos sociais”, “cientistas” e “membros de organizações não-governamentais”. Também se anunciou a presença de climatólogos afamados como o actor Danny Glover e o realizador James Cameron, embora eu não conseguisse confirmá-la. Confirmados estiveram chefes de Estado do calibre do venezuelano Hugo Chávez, do equatoriano Rafael Correa, do nicaraguense Daniel Ortega e do paraguaio Fernando Lugo. Além de Evo Morales, naturalmente.

Logo no discurso inaugural, o presidente boliviano explicou o que se deseja explicado num debate sério sobre o clima: a culpa é do capitalismo e do Ocidente. Depois o sr. Morales desatou a explicar rigorosamente tudo. Os frangos de aviário são engordados com hormonas femininas e provocam o desenvolvimento prematuro no busto das meninas que os consomem e, nos meninos, a calvície (“Daqui a 50 anos todos os europeus serão calvos.”) e a homossexualidade

(“Os que comem esses frangos sofrem desvios no seu ser enquanto homens.”) As batatas holandesas (?), grandes e belas, transportam hormonas de peixe (?) na casca. A Coca-Cola, que não podia faltar, possui um produto químico não identificado que afecta a saúde e apenas serve para desentupir canalizações. Os medicamentos ocidentais “curam uma doença e provocam duas”. Etc.

Vale lembrar que na Conferência da Mãe Terra passou igualmente o professor doutor de Coimbra (meu Deus!) Boaventura Sousa Santos, o qual aproveitou para garantir que a liderança do sr. Morales fomenta “a coexistência harmoniosa entre as pessoas”. É capaz. Mas eu pagava para saber que porcarias engolem os sujeitos que deram uma cátedra universitária a tal sumidade. Quanto à sumidade, é certamente aficionada de frangos transgénicos. A julgar pela escassez capilar e só pela escassez capilar.

25/04/2010

MÁ FÉ

Há os que criticam a visita do Papa por causa da laicidade, os que criticam a visita do Papa por causa dos preservativos, os que criticam a visita do Papa por causa da pedofilia e, com maior propriedade, os que criticam a visita do Papa por causa da tolerância de ponto e dos milhões que, directa e indirectamente, nos custa. Modestamente, aproveito para lamentar o pandemónio no tráfego que a visita promete.

Durante dias, Lisboa e Porto terão a circulação automóvel (e não só) limitada de acordo com os percursos de Bento XVI, uma eventual inevitabilidade mas também um garantido incómodo, e um incómodo cuja responsabilidade cabe menos à Igreja que ao Estado. O Estado, aliás, é perito em transtornar a rotina das pessoas independentemente de credo, raça ou meio de locomoção. Ou pretexto. Apesar de tudo, os desfiles papais, que atraem centenas de milhares de fiéis e o ocasional imitador de Ali Agca, tornam o transtorno quase compreensível.

Mas em Lisboa, no Porto e onde calha, o poder local e o poder central entram em êxtase à mais vaga possibilidade de suprimir a livre circulação dos infelizes que lhes caíram nas mãos. Maratonas, corridas de aviões e de bólides e de bicicletas, dias internacionais sem carros e sem juízo, cimeiras políticas, cortejos carnavalescos, manifestações e paradas de qualquer estirpe são argumentos regulares para bloquear o trânsito e reduzir as nossas encantadoras

idades a prisões espontâneas. E às vezes irónicas. Há uns anos, fiquei horas fechado no carro à conta de Fidel Castro, que jantava na Alfândega do Porto. E se é verdade que muitos cubanos ficaram fechados por muito mais tempo graças ao sr. Fidel, é igualmente presumível que isto não seja Cuba.

Sempre que possível, uma democracia a sério evita sujeitar os interesses gerais a interesses particulares, uma evidência que, antes de justificar por exemplo a remoção dos crucifixos das escolas públicas, justifica a ausência de constrangimentos nas vias públicas, decretados em nome da única fé que o Estado conhece: a fé na irrelevância dos cidadãos, da qual o Papa não é o guardião.

16/05/2010

...OU QUE SE CALE PARA SEMPRE

Não sei o que alegrou mais os defensores do casamento homossexual, se a promulgação do dito ou se o ar contrariado com que o presidente da República o fez.

22 Obrigado a tomar posição sobre uma lei que o horroriza, o presidente tentou, como de costume, a via “utilitária” e mostrou, como de costume, a veia desajeitada. Impedir o casamento não era hipótese, visto que o parlamento repetiria os votos e, no processo, submetteria o prof. Cavaco a uma humilhação escusada. Aprovar o casamento com discrição e sem palpites não satisfaria a sua consciência nem, principalmente, a sua base eleitoral, teoricamente avessa a modernices.

A alternativa foi aquele tom compungido, à mistura com o interessante argumento de que não se pode desviar a atenção da crise (em tempos prósperos, o prof. Cavaco não permitiria que os “gays” fossem, para recorrer ao jargão em voga, felizes). Tipicamente comprometido, o prof. Cavaco voltou a meter o bolo-rei à boca e a não o engolir, um espectáculo que, ao contrário do pretendido, desanima os potenciais apoiantes e convida os restantes à galhofa.

É verdade que, à semelhança do que aconteceu com o divórcio e o aborto e do que acontecerá com a adopção e a eutanásia, fingiu-se por aí celebrar o dia em que Portugal se tornou mais decente, mais civilizado, mais digno e mais o que quiserem. Mas a esquerda das “causas” sabe que o casamento homossexual excitará meia dúzia de casais à procura de notoriedade e os “media” à procura da novidade. Terminada esta, o fenómeno será provavelmente residual e certamente obscuro. Já as hesitantes estratégias pessoais do prof.

Cavaco suscitam um gozo na esquerda que promete durar anos e legitimar vistosas, ainda que um nadinha perversas, celebrações.

23/05/2010

LÍNGUA MORIBUNDA

Uma página no Facebook convocou uma manifestação contra o Acordo Ortográfico para a data, a hora e o local da apresentação de um conversor linguístico financiado pelo Estado. Compareceram três pessoas. Provavelmente, as restantes não souberam ler a convocatória.

Julgo que teria acontecido o mesmo a propósito de uma manifestação de sentido contrário, caso o facto de o Acordo estar aprovado e praticamente em vigor não a tornasse um nadinha redundante. O problema não passa por gostarmos ou não gostarmos da chacina de uns cês ou pés mudos e do rapto do ocasional acento. O problema do Acordo é pretender regulamentar uma língua que já praticamente não se fala ou escreve.

Fará sentido pregar o fim da acentuação dos ditongos abertos das palavras paroxítonas a gente que não distingue um “ã” de um “há”? Não é perda de tempo divagar acerca das alterações na hifenização a quem substituiu o verbo “estar” por um rascunho adulterado do verbo “ter” (“Ontem tive em Coimbra” é um clássico)?

23

Uma imensa percentagem da população (falo de Portugal, embora não conste que o Brasil e os “palop” sejam muito diferentes) apenas é alfabetizada na acepção teórica do termo. E se a isto juntarmos os produtos das Novas Oportunidades, as gerações dos SMS e do Messenger e um sistema de ensino que reprova as reprovações a título de “estímulo”, constata-se que as alterações académicas no português têm menos impacto na vida quotidiana do que uma revisão da tabela periódica dos elementos.

Discutir o acordo ortográfico é discutir a cor da sala de uma casa marcada para demolição, uma excentricidade que interessará meia dúzia de criaturas. Ou, a julgar pela manifestação dos seus opositores, nem isso.

13/06/2010

O PRECONCEITO GAY

Portugal assistiu ao primeiro casamento gay e transformou-se enfim num país civilizado, moderno, progressista, justo e igualitário.

Aqui ao lado, a Espanha já uns anos que permite casamentos gay e por isso há anos que é um país civilizado, moderno, progressista, justo e igualitário. É isto bom? É ótimo. Pelo menos enquanto não se resolve escavar sob os conceitos e descobrir de que civilização, modernidade, progressismo, justiça e igualitarismo falamos.

A título de exemplo, para não sairmos de Espanha, soube-se que a Federación de Lesbianas, Gays, Transexuales y Bisexuales proibiu a participação de associações israelitas na marcha do Orgulho Gay a realizar no próximo dia 3 de Julho. O motivo? As associações em causa viriam a Madrid em representação da câmara de Televive, instituição que não condenou o ataque das forças armadas de Israel ao navio turco dito de “ajuda humanitária” aos palestinianos.

Não vale a pena repetir que a “ajuda humanitária” não passava de propaganda favorável ao Hamas, que entretanto procurou impedir a entrada em Gaza dos medicamentos (fora do prazo), das roupas e da comida (presumo que dentro do prazo) encontrados por Israel no famoso barquinho.

Mas vale notar que a hierarquia gay madrilena discrimina a autarquia de uma cidade conhecida pela tolerância face à diversidade, incluindo a sexual, para defender um território dominado por uma organização que, além de terrorista, dispensa aos homossexuais tratamento similar ao que os muçulmanos em geral dispensam aos cães.

24

Não digo que, como fazem com os cachorrinhos, os habitantes e os governantes de Gaza (e de toda a Palestina, e de todo o Médio Oriente, e de quase todo o mundo islâmico) cortam as orelhas dos homossexuais. Para evitar crueldades gratuitas, optam por perseguir-los, prendê-los, torturá-los e, em ocasiões festivas, linchá-los.

Pelos vistos, esses pormenores não comovem os activistas LGBT (é assim, não é?) nossos vizinhos. Eu, se fosse espanhol e gay, pensaria duas ou três vezes antes de confiar os meus direitos a criaturas que põem o ódio aos judeus à frente do amor pela causa que teoricamente, e sublinhe-se “teoricamente”, defendem. Mais absurdo do que isto só progressistas que apoiassem regimes fascistas, pacifistas que se excitassem com “mártires” homicidas e feministas que venerassem o Islão.

Curiosamente, semelhantes espécimes também existem. E nem é preciso procurá-los muito: Israel encontrou alguns no barquinho “humanitário”, um conceito misterioso nos dias que correm, embora corram menos do que os homossexuais palestinianos rumo a Israel. Quando podem.

O DIA DA MORTE DE JOSÉ SARAMAGO

Portugal ficou mais pobre? A julgar pelas carpideiras e se a pobreza for de espírito, sem dúvida. A morte de José Saramago iniciou uma competição de louvores e levou uma extraordinária quantidade de sujeitos, notáveis e anónimos, a elogiar um homem que, evidentemente a título elogioso, todos acham “polémico”.

É verdade que Saramago tentou a polémica. E se agora muitos aconselham a separar o autor da respectiva obra, é igualmente verdade que o conselho não possui efeitos retroactivos. Após “O Evangelho...” e sobretudo após o Nobel, que insuflou Saramago com uma importância proporcional à importância que um país periférico dá a essas coisas, os seus romances confundem-se frequentemente com sebatas de apoio às controvérsias públicas que o autor buscava e, na maioria dos casos, obtinha. Menos lidos do que comentados, os livros de Saramago pareciam-se com uma mera versão escrita do chinfrim que o próprio anunciava ainda antes de cada publicação e se esforçava por alimentar depois.

E tudo isso para quê? Vasculha-se a imprensa e, entre a excitação dos epitáfios, não se encontra uma voz dissonante. Saramago orgulhava-se de fomentar inimigos mas, fora dos comentários sem rosto na Internet, aparentemente não há um com a decência de aparecer e proclamar que desprezava a obra ou que detestava o autor.

Para quem se sonhou incómodo, não haverá maior traição do que partir neste sufocante consenso. Armados de panegíricos, os adversários evitam o sectarismo de que Saramago sempre padeceu, os admiradores lembram o criador perseguido (?) e esquecem o comissário político, os alucinados exaltam a “coragem” do fiel servidor de uma ditadura (felizmente breve), os sensíveis reclamam respeito “post-mortem” por um indivíduo que venerou uma ideologia especializada no assassinio.

Eu, que nunca gostei do escritor ou do cidadão e não mudei de ideias por causa de um destino a que ninguém escapa, faço-lhe a justiça de imaginar que, caso também aí Saramago se tenha enganado e a alma seja realmente imortal, a alma dele hoje lastime tamanha unanimidade. Pela modestíssima parte que me toca, não a terá. E não precisa de agradecer.

OBRIGADO, SENHOR PRESIDENTE

Vi na televisão um comediante imitar Francisco Louçã e, numa “punch line” algo surreal, exigir aos berros a comparência do presidente da República no funeral de José Saramago. Depois lembrei-me que os nossos comediantes nunca brincam com o dr. Louçã (seja por disciplina partidária ou porque o próprio se encarrega de esgotar as possibilidades) e percebi tratar-se do líder do Bloco de Esquerda em carne, osso e fúria. Afinal, a “punch line” e o surrealismo eram a sério.

Com o jeito congestionado que o caracteriza, o dr. Louçã pediu a Cavaco Silva para contrariar a “mesquinhez do passado” e a “perseguição política”, numa alusão ao interessante subsecretário Sousa Lara que, durante um governo do prof. Cavaco, excluiu um romance de Saramago da candidatura a um obscuro concurso literário e candidatou o autor ao improvável estatuto de mártir.

26 Nunca compreendi muito bem em que consiste o martírio dos abonados em dinheiro e honrarias. Também não compreendo qual o critério que define as exéquias a que um chefe de Estado deve assistir, mas há-de ser um dos seguintes: 1) funerais de heróis da extrema-esquerda; 2) funerais de galardoados com o Nobel da Literatura; 3) funerais de galardoados com o Nobel em geral; 4) funerais de galardoados com qualquer prémio, incluindo o de Melhor Velocista da Volta à Chamusca em bicicleta; 5) funerais de eventuais sumidades da arte e da cultura; 6) funerais de todos os compatriotas residentes no país, no estrangeiro ou em Lanzarote; 7) funerais de todos os compatriotas que insultaram o chefe de Estado com regularidade.

Evidentemente, a questão é complexa, e uma forma de a simplificar passaria por incluir na Constituição o artigo: “O presidente da República encontra-se obrigado a marcar presença nas cerimónias fúnebres dos sujeitos que o dr. Louçã considera extraordinários”. Enquanto esse avanço civilizacional não acontece, o prof. Cavaco tomou a liberdade de preferir as férias nos Açores à despedida, cheia de cravos e punhos, de Saramago. Eu acho que fez bem.

Como o relógio parado que acerta nas horas duas vezes por dia, o dr. Louçã teve razão num pormenor: o PR representa os portugueses em peso. E conheço pelo menos um português que não gostaria de se ver representado na derradeira homenagem a um indivíduo que, tipicamente, o país oficioso correu a decretar corajoso, coerente, lúcido, recto, afectuoso, imortal, desobediente e ético. Para mim, Saramago era apenas um comunista que prejudicou directa e deliberadamente algumas pessoas e louvou até ao fim quem exter-

minou milhões de outras. Enquanto exemplo de ética, coragem, etc., isso basta-me. Sobram os livros, que espreitei com fastio em duas ou três ocasiões e não me deixaram saudades. É assim que, no que respeita a Saramago, tenciono continuar. Se o dr. Louçã permitir, claro.

24/06/2010

O POLÍTICO QUE GOSTA DOS POLÍTICOS QUE GOSTAM DE CAMÕES

“Mário Soares é um patriota, gosta de Camões. Eu gosto dos políticos que gostam de Camões. Eu gosto muito do doutor Mário Soares.”

Um doce para quem adivinhar o autor da frase acima. E uma dica: não foi um aluno da Escola Básica do 1º Ciclo do Bombarral, nem uma concorrente a Miss Portugal, nem sequer uma candidata a actriz/modelo/relações públicas. O autor foi, espero que evidentemente, José Sócrates Pinto de Sousa, durante uma homenagem ao dr. Soares realizada, não me perguntem porquê, em Arcos de Valdevez (os leitores que acertaram podem passar na confeitaria mais próxima e dizer que vão da minha parte).

Como todas as frases que entram directamente para a História, esta ultrapassa os seus propósitos imediatos e suscita a reflexão. Primeiro, reflectimos, sem concluir nada, sobre todos os estadistas dos últimos séculos que terão gostado de Camões, incluindo democratas, ditadores, doidos varridos e gente minimamente digna. Depois reflectimos sobre as vastíssimas possibilidades que a frase abre à arte da retórica. Daqui em diante, não voltará a ser estranho ouvir que “A Maria Emília é uma melómana, gosta de Mahler. Eu gosto das escriturárias que gostam de Mahler. Eu gosto muito da Maria Emília.” Ou que “O coisinho que mora no 3º esquerdo é um gastrónomo, gosta de milhões com arroz de berbigão. Eu gosto dos vizinhos que gostam de milhões com arroz de berbigão. Eu gosto muito do coisinho do 3º esquerdo.”

Numa dimensão menos elevada, é claro que a afirmação do eng. Sócrates também representa um novo passo na guerra particular que o opõe a Cavaco Silva. O prof. Cavaco, que uma ocasião se enganou no número de cantos de “Os Lusíadas”, obviamente não é um camoniano furioso e não parece homem de grandes leituras em geral. Ao elogiar o dr. Soares, que consta possuir uma biblioteca, o eng. Sócrates pretendeu afinal sublinhar, com a discrição dos predestinados, a sua própria erudição.

Trata-se de uma estratégia brilhante, na medida em que arrasta o confronto com Belém para o terreno da cultura, no qual os trunfos do eng. Sócrates são esmagadores. Se o filho do gasoleiro de Boliquireme arrisca uns palpites antipáticos a pretexto da economia, no fundo matéria irrelevante para o exercício da governação, o primeiro-ministro vinga-se humilhando-o onde mais importa. E onde mais dói.

É verdade que o prof. Cavaco aprendeu duas ou três irrelevâncias relacionadas com a oferta e a procura. Embaraçosamente, só aprendeu isso. Mas o cidadão comum pensa no eng. Sócrates e é fisicamente impossível não pensar logo em défice, perdão, em Defoe. Ou em dívida, perdão, em Dickens. O eng. Sócrates, leitor voraz de prosa e poesia, respira literatura, exala literatura, tresanda literatura. Basta ouvi-lo a citar Pessoa com poucos erros ou a discorrer contra o “bota-abaixismo” para se concluir que ali está uma criatura íntima das letras, e não apenas das vogais: o eng. Sócrates é igualmente familiar com o “t”, o “z” e até o “x”.

28 O eng. Sócrates e os livros confundem-se a tal ponto que a uma quantidade cada vez maior de distraídos já ocorreu pôr qualquer dos segundos, incluindo as Páginas Amarelas, a mandar no país e o primeiro na prateleira, que é aquilo que os filisteus da estirpe do prof. Cavaco chamam à estante.

1/07/2010

O NEOLIBERALISMO NÃO PASSARÁ (DE UMA INVENÇÃO)

A acreditar no que há anos se ouve ou lê nas reflexões filosóficas do primeiro-ministro, no Parlamento, nos debates televisivos, nas colunas de opinião, nos seminários académicos, nos blogues, nas caixas de comentários dos blogues, nos táxis e na loja onde compro *brownies* e empadas de galinha, a desgraça do país é o neoliberalismo. O consenso é tal que eu próprio, anteriormente convencido de que o liberalismo, económico ou político, *neo* ou velho, era algo de desejável, mudei de ideias e ganhei consciência da necessidade de derrotar o monstro. O problema é encontrá-lo.

Veja-se um exemplo prático, como a tentativa de compra por uma empresa espanhola de uma empresa brasileira que parcialmente pertence a uma empresa portuguesa. Tudo indicava que a sinistra influência neoliberal levaria o negócio a desenrolar-se segundo as regras do mercado e, absurdamente, segundo a vontade

dos accionistas. Nada disso: o Governo recorreu às migalhas que o Estado mantém na PT, designadas pelo vulgo de *golden share*, e, em nome do “interesse nacional”, impediu a tramóia.

Surpreendido, porém não resignado, aguardei que o neoliberalismo se manifestasse nas reacções dos partidos ditos de direita, esse teórico abrigo dos fundamentalismos capitalistas. Não tive sorte. O CDS, pela voz do dr. Portas, invocou o “interesse nacional” e declarou-se a favor da *golden share*. E o PSD, nas suas várias instâncias e com típica ambiguidade, intercalou a oposição à *golden share* com o respectivo louvor. Tudo em prol do “interesse nacional”, claro.

Continui atento: de algum lado o neoliberalismo haveria de surgir. Dos candidatos à presidência, em princípio um conjunto abrangente e multifacetado, não surgiu. Os candidatos confirmados, Alegre e Nobre, puxaram do “interesse nacional” e aplaudiram a *golden share*. O candidato em vias de o ser, Cavaco Silva, defendeu a defesa do “interesse estratégico” (uma variação do “nacional”). E se idêntica posição do candidato indirecto, Mário Soares, não espantou, achei curioso que o putativo candidato da “alternativa”, naturalmente Santana, não alternasse uma vírgula à opinião dos restantes.

Ao contrário do fascismo que, na cantiga do outro, vinha com botas cardadas ou com pezinhos de lã, o neoliberalismo português, ao que consta instigado por uma suposta Europa ou pelas *agências de rating*, aparentemente não anda: paira, género ectoplasma, o que torna difícilmo identificá-lo e combatê-lo. A coisa é tão esquiva que um ingénua até poderia supor que o neoliberalismo nem sequer existe, excepto na cabeça das luminárias que agitam o seu fantasma a fim de assustar pasmados e preservar o referido interesse nacional, leia-se os empregos que, pela via estatal, as luminárias distribuem entre amigos, familiares, serviçais e companheiros de partido, na PT e não só na PT. Mas eu não sou ingénua, e por mim o neoliberalismo, real ou ficcionado, não passará.

8/07/2010

O EVANGELHO SEGUNDO A PLAYBOY

O verdadeiro problema da última (se calhar literalmente) edição da “Playboy” caseira é a bizzarria de servir Saramago a quem apenas espera encontrar meninas em pelota. Curiosamente, o polémica surgiu de outro lado, isto é, da “homenagem” (sic) que a revista quis fazer ao falecido Nobel: meia dúzia de retratos de um infeliz

fantasiado de Cristo junto a uma amostra das referidas meninas. Os responsáveis da publicação explicam que pretenderam transmitir uma “mensagem forte”, a exigir “análise profunda”.

De análise profunda, embora a cargo de uma junta psiquiátrica, precisam os que vêm no conjunto de fotografias mais do que aquilo evidentemente é: um monumento ao atraso de vida e, talvez, um golpe publicitário. Qualquer que fosse o motivo, o que correu é que a “Playboy” original tenciona cancelar a licença da versão portuguesa e eu diverti-me a contar os (poucos) minutos que separaram a divulgação da notícia dos primeiros berros de “Censura!”.

Naturalmente, os berros surgiram num blogue subsidiário do Bloco de Esquerda. Por acaso, nem o blogue em causa nem o Bloco são conhecidos por patrocinar opiniões que consideram contrárias aos seus princípios, e não me lembro de ler no www.esquerda.net (o site oficial do bando) textos simpáticos para com a globalização, o Vaticano ou as políticas de Israel, por exemplo. Trata-se de critérios editoriais, claro, os quais pelos vistos não se aplicam à “Playboy”, que deve publicar tudo o que os funcionários do dr. Louçã acham publicável ou sujeitar-se a acusações de fundamentalismo e, se lhes puxarem pela língua, a equivalências com os islâmicos que protestam as ofensas a Maomé.

30

Na perspectiva dos rapazes da esquerda folclórica, todo o pretexto serve para realçar a intolerância do Ocidente, apontar o puritanismo dos americanos e relativizar a fúria do Islão, incluindo comparar a decisão interna de uma empresa com multidões que babam ódio e estados que emitem sentenças de morte. É lá com eles, mas, de um arresado modo, em matéria de censuras e fundamentalismos o “fait-divers” da “Playboy” diz mais sobre os que o criticaram do que sobre os que o produziram. Como o acto de censura homenageia melhor do que a pretensa homenagem o censor que Saramago foi.

11/07/2010

O QUE FAZ FALTA É SALAZAR NENHUM

Em ensaio no jornal “i”, Jaime Nogueira Pinto lembrou que, muitas décadas antes de Almeida Santos se prostrar aos pés de Vital Moreira, já Fernando Pessoa ficara assombrado perante um professor doutor de Coimbra (“Santo Deus!, de Coimbra!”, escreveu no manifesto “O Interregno”, de 1928). No caso, o professor era, claro, Salazar, que, nas rendidas palavras de Pessoa, parecia

“caído de uma Inglaterra astral”. Entre adoradores e inimigos, esta visão estelar vingou até hoje.

Nos 40 anos da sua morte, Salazar ainda nos assombra enquanto mal absoluto ou salvador imprescindível. Na opinião de uns, é o único responsável pelo atraso pátrio, como se a I^a República, para não recuar mais, tivesse deixado o país num estado de beatitude e progresso. Na opinião de outros, é o único responsável por meio século de ordem, rigor e estabilidade, como se a ditadura e o isolamento não passassem de custos menores.

Nos dois lados da barricada, Salazar apenas suscita sentimentos extremos, o que se toleraria se os extremismos não convergissem para um retrato mítico. Não é por acaso que boa parte da bibliografia recente alusiva ao ditador se dedica a esmiuçar-lhe a vida privada à cata de traços de humanidade: é porque, no fundo, não se acredita que Salazar fosse um homem comum.

Reduzi-lo à verdade, ou seja a um seminarista com jeitinho para contas, aversão à liberdade, aptidão para descodificar as ânsias das massas caseiras e vasto talento para simular a distância necessária à lenda, seria desiludir os fiéis que o beatificam ou os inimigos que o abominam. E seria retirar significado à existência de ambas as facções.

Salazar marcou o século XX português? Imenso, sobretudo pela extraordinária quantidade de tempo em que mandou. Sucede que, apesar das naturais metástases, o essencial desse tempo morreu com ele, e é absurdo que, na imaginação de tantos, um pequeno tirano continue a servir de desculpa esfarrapada ou alternativa metafísica à democracia pelintra que temos. Alternativa não há, e a culpa é nossa.

1/08/2010

QUANDO TUDO ARDE

No ano passado, o mérito pela escassez de incêndios cabia ao Governo e não a um Verão particularmente fresquinho. Este ano, a culpa pela devastação em curso é do calor tórrido, dos criminosos, dos negligentes e do “aquecimento global”: não é do Governo. Aparentemente, a acção preventiva da tutela reflecte-se nos sucessos, não nos fracassos.

Mistérios à parte, a verdade é que o país voltou a arder e as cabeças encarregadas de o pensar também. Com a frequência das chamas, fervilham ideias instantâneas sobre o modo ideal de impe-

dir a calamidade. Em países normais, esse é o tipo de coisas que se discute antes de a calamidade acontecer. Aqui discute-se durante a dita, embora não se trate do típico “casa roubada, trancas na porta”, não senhor: em Portugal, debate-se o tipo de tranca *enquanto* a casa está a ser roubada. Depois de consumado o roubo, a porta continua aberta.

As trancas, perdão, as medidas de prevenção sugeridas são inúmeras. A minha preferida é a do ministro da Agricultura, que deseja nacionalizar os terrenos abandonados. No universo peculiar do dr. António Serrano, obviamente habilitadíssimo para a pasta que carrega, as matas e florestas do Estado encontram-se limpas, vigiadas e pura e simplesmente não ardem. Eis o contributo mais original desde que um ministro do PSD atribuiu a origem dos fogos às granadas que os ex-combatentes trouxeram do Ultramar.

32 Ainda que sem o talento natural do dr. António Serrano, que ponderadamente pediu a 6 de Agosto último uma avaliação do Plano Nacional de Defesa da Floresta aprovado em 2006, as luminárias restantes fazem o que podem em matéria de desnorte. O ministro da Administração Interna compara, todo contente, a quantidade de área queimada com a equivalente de 2003 e declara-se preocupado com “a segurança das pessoas”, uma evidência se por “pessoas” entendermos ele próprio, e por “segurança” a sua manutenção no cargo. Um secretário de Estado do Ambiente ciranda a anunciar “meios aéreos”. O presidente da república e o primeiro-ministro interrompem com pompa as respectivas férias mas, desrespeitosamente, as labaredas não interrompem o respectivo trabalho. E a ministra da Educação prossegue o encerramento em massa das escolas rurais e deixa cada aldeia entregue a três (ou quatro) velhinhas, assunto que nada tem a ver com os incêndios e por cuja invocação peço desculpa.

15/08/2010

CASAMENTO ESCANDALOSO

O casamento recente de um escritor português com o companheiro motivou uma ou outra notícia de jornal, uma ou outra coluna de opinião e uma razoável quantidade de sentimentalismo na Internet. Dado que não se tratou do primeiro casamento entre pessoas do mesmo sexo, que sempre tinha o efeito da novidade, estranhei que tantos órgãos de comunicação e tantos comunicadores individuais imitassem a imprensa dos mexericos. Estranhei sobretudo que a comoção orientasse quase todos os desabafos.